



TERRITÓRIOS FANTÁSTICOS

Um guia turístico narrado

AUDIODESCRIÇÃO

Territórios fantásticos

Um guia turístico narrado

Ilustração colorida sobre fundo cor de rosa. Desenho de homem negro e homem pardo em cima de cavalos, ao lado de outro cavalo com balaios. Homem branco ajoelhado ao lado de mulher parda cadeirante. Idosa parda sentada em cadeira amarela. Homem negro atrás de carrinho de mão e cachorro caramelo ao lado. Canoeiro negro e um grande peixe dourado em um lago.



AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de um vilarejo em traçado branco sobre fundo laranja. À esquerda superior, desenho de boi mascarado, casas e plantações. Mais abaixo casas geminadas e rua com homem sentado em cadeira em frente à porta de uma das casas assistindo à folia de reis, onde pessoas dançam ao redor de um boi enfeitado. Na direita inferior, casa grande com árvores e riacho.



TERRITÓRIOS FANTÁSTICOS

Um guia turístico narrado

Territórios fantásticos
Um guia turístico narrado



AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de bandeirinhas coloridas no cabeçalho da página.

Capa, projeto gráfico e ilustrações

Mila Barone

Coordenação, entrevistas e texto

Eveline Xavier

Fotografias

Realizadas pelos participantes das oficinas do projeto nas cidades de Araçuaí, Barão de Cocais, Catas Altas, Itinga, Pedra Azul, Rio Piracicaba, Rubim e Santa Bárbara

Fotoperformance: Eveline Xavier

Produção e pesquisa

Vitória Lopes

Preparação de originais

Emanuela São Pedro e Eveline Xavier

Educadores das oficinas

Carambola Filmes: Mirlaine Coelho, Jane Rodrigues, Joseph Coelho (audiovisual em Araçuaí, Itinga, Pedra Azul e Rubim)

Renca Produções: Natalie Matos (rádio e podcast em Barão de Cocais, Catas Altas, Santa Bárbara e Rio Piracicaba), Gabriela Matos (audiovisual em Barão de Cocais, Catas Altas, Santa Bárbara e Rio Piracicaba), Denise dos Santos (fotografia em Barão de Cocais, Catas Altas, Santa Bárbara e Rio Piracicaba)

Lucas Silva (fotografia em Araçuaí e Rubim)

Larissa Medeiros (rádio e podcast em Araçuaí)

Leandro Nascimento (educador local de Pedra Azul)

William Nascimento (rádio e podcast em Itinga, Pedra Azul e Rubim)

Ítalo Medina (fotografia em Pedra Azul)

Christiane Cardoso Teixeira (educadora local de Itinga e de fotografia)

Júlio César Mendes Elias (educador local de Rio Piracicaba)

Anezia Lopes (educadora local de Rubim)

Sofia Martino (educadora local de Santa Bárbara)

Bruno Sérgio Souza Siqueira (educador local de Barão de Cocais e Catas Altas)



*O Zé Mateus aparece boiando não é direto não, sabe?
Ele boia pra alimentar a história, como se disesse assim:
“Não esquece de mim. Vai contando meu caso aí!”
Uma pessoa que quiser ouvir o Zé Mateus boiar
vai pra lá [na beira do rio Água Fria] umas seis horas da tarde,
que foi mais ou menos essas horas.
Aí o Zé Mateus percebe que você tá preparado pra ouvir o canto dele.
É um boiado¹ triste...*

**(Mestre Ulisses contando a
lenda do vaqueiro Zé Mateus)**

AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de homem negro nadando e cantando.



¹ Em certa altura das contações de Mestre Ulisses, você se dá conta que os sentidos da palavra boiar se confundem. Não se sabe até que ponto da narrativa ela tem o sentido de “flutuar” e a partir de que momento se transforma em “aboio”. Parece-me que, em se tratando da lenda do Zé Mateus, o contador vai sempre se aproveitar da ambiguidade pra manter o ouvinte preso em seu feitiço.

SUMÁRIO

Territórios fantásticos	12
— Araçuaí	14
▪ Visitar a praça do passado para imaginar futuro - 15	
▪ <i>Rincões das Descobertas</i> O batismo do ouro - 19	
— Barão de Cocais	20
▪ Partindo da Matriz de São João rumo ao Poção de Oxum - 21	
▪ O cruzeiro que brilha nas noites de Barão - 23	
▪ <i>Rincões das Descobertas</i> Barão fervilhante - 24	
▪ Gameleira, um segredinho para o verão - 25	
— Catas Altas	26
▪ Cafezinho com bolo no Sítio Córrego Barbosa - 27	
▪ <i>Rincões das Descobertas</i> Visita à casa do Zé do Leite e da Nazinha - 29	
▪ A 40 minutos do Centro, Cachoeira da Santa - 30	
— Itinga	32
▪ Uma imersão nos cheiros e sabores do Antigo Mercado - 33	
▪ Entre Araçuaí e Itinga, conheça o Taquaral - 35	
▪ <i>Rincões das Descobertas</i> A descoberta da história - 36	

▬ **Pedra Azul** 38

▫ O Pantanal Pedrazulense - 39

▫ *Rincões das Descobertas* | Maria e os bois descem a ladeira em janeiro - 40

▬ **Rio Piracicaba** 44

▫ Rio Piracicaba em maio - 45

▫ Da Bahia, veio fazer a história no Jorge - 46

▫ *Rincões das Descobertas* | Dê um rolê no Quilombo Caxambu e conheça o Buré - 48

▬ **Rubim** 50

▫ Fazenda Encantada e Roça das Histórias - 51

▫ *Rincões das Descobertas* | Da Baixinha, veja a Serra da Cangalha - 54

▬ **Santa Bárbara** 56

▫ Destino muito frequentado, conheça a Rua do Cemitério - 57

▫ *Rincões das Descobertas* | Zé Pereira, bonecas de palha e um antigo cinema - 60

Roteiros de passeios lendários 62

▫ A Traíra Fantástica - 63

▫ Águas [supostamente] medicinais no Córrego Remédio - 66

▫ Quaresma, a melhor época para ver o Bicho da Carneira - 67

▫ Enchente e dois pés de fruta - 69

▫ Onde se deu o começo de tudo - 70


Que cara tem esse lugar 72

Mestre Ulisses, eu já botei para gravar aí, porque tudo que o senhor fala sai bonito demais. Me conta, como é que é isso de ser um patrimônio vivo de um lugar? Como é que isso é possível?

Não sei bem explicar isso, menina. A gente começa a ser sem saber que é isso. A gente é uma coisa sem projetar aquilo. É como se a gente nascesse o raro. Eu comecei a trabalhar com arte herdando um pouquinho, ao mesmo tempo, eu acho que eu já vim preparado para isso, para o mundo. Meus avós, meus pais, meus tios era um pessoal que veio de arteção, fazia peça de madeira e de panela, pote, peças utilitárias.

Era uma família grande, quase todo mundo sabia fazer isso. Já morreram uma parte. Eu brincava vendo fazer as pecinhas, as panelinhas, potinhos, fazer o forninho. Era uma brincadeira de menino. Depois eu fui ver que realmente era um preparo de um artista. É como você fechar o seu olho e enxergar um destino que o mundo mandou você ser e aí a gente começa a achar o personagem da gente.

Tem uma música, que eu não canto hoje mais, chamava “O Filho de um Lavrador”. O filho de um lavrador, que era eu. Meu pai mexia com lavoura, plantava roça, era garimpeiro, andava por rio abaixo e rio acima garimpando.




*“Eu sou filho de um lavrador,
Sofredor em Minas Gerais*

E queria ser compositor

*Para fazer canção de amor e
de homenagem*

*E homenagear os artistas e os
artesãos também.”*



Daí vem essa responsabilidade de seguir, de transmitir, de ensinar para outras pessoas o que eu aprendi, de eu não amarrar aquilo, de soltar.

De junho de 2022 a março de 2023, o projeto Rede de Patrimônio Criativo e Colaborativo de Minas Gerais remontou às catas² desbravadas pelos primeiros ocupantes de territórios profundos de Minas, revolveu o pó das lembranças que sobe da mineração e da arte no barro, invocou os poderes de verdade e quimera nas lendas e histórias deixadas como herança e resistência por décadas, aprendeu as preces dos fiéis de vários cantos. Tudo isso, reunimos aqui.

Neste guia turístico narrado e imaginado, participantes e convidados do projeto partilham os mapas de seus territórios experimentados e apontam o caminho pelos patrimônios desvendados e reinventados por eles em suas terras, durante as atividades formativas. Aqui, as dimensões do contar e do contado se confundem revelando rincões fantásticos, que só podem ser adentrados através do vivido de quem pertence a cada lugar.


Se prepare para embarcar!

AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de canoeiro negro.



² A palavra “catas” significa garimpo, escavação mais ou menos profunda, conforme a natureza do terreno para a mineração. Disponível em: <https://www.ufmg.br/vieiraservas/municipio/catas-altas/>



Existem infinitos mapas
extraordinários que teimam em
escapar aos limites do visível.
Quantos territórios fantásticos
as memórias dos seus sentidos
são capazes de narrar?

AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração em página dupla do mapa de Minas Gerais. Na metade direita do mapa temos o mapeamento em cores das oito cidades participantes do projeto.

MINAS GERAIS

VALE DO JEQUITINHONHA

Pedra Azul

Itinga

Rubim

Araçuaí

Barão de Cocais

Rio Piracicaba

Santa Bárbara

Catas Altas

SERRA DO CARAÇA

SERRA DO CARAÇA



AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração em página dupla do mapa das cidades contempladas pelo projeto na região do Vale do Jequitinhonha: Itinga, Pedra Azul, Rubim e Araçuaí; e Serra do Caraça: Barão de Cocais, Rio Piracicaba, Santa Bárbara e Catas Altas.

VALE DO JEQUITINHONHA

Itinga

Pedra Azul

Rubim

Araçuaí



<https://rede.educacaopatrimonial.org.br>

Se quiser saber mais sobre os patrimônios, expressões e manifestações culturais que serão apresentados aqui, encontre os QR Codes camuflados nas próximas páginas e confira as produções realizadas pelos participantes de cada uma das cidades do projeto.

TERRITÓRIOS FANTÁSTICOS

Vire a cabeça, aponte o nariz para o morro mais distante e arregale bem os olhos. Veja a renda finíssima de poeira dourada alçando lá longe, dançando na brisa quente.


Vem chegando uma tropa pela estrada.

Caminhe uns passos para a esquerda até o barranco do rio. Agora aperte os olhos até trançar as pestanas e silencie tudo em volta, se faça apenas ouvidos.




AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração colorida de homem negro e homem pardo em cima de cavalos, ao lado de outro cavalo com balaios.



*“Ô beira-mar, adeus Dona,
Adeus riacho de areia”*




Eu não vi a história, mas era lindo demais uma tropa andar com 15, 20 animais carregados, e elas andavam junto com a bandeirada de canoa. Se você historiar, as estradas antigas eram beirando o rio pra poder achar aqueles caminhos mais fáceis e não se perder. Chegava em uma cidade que ia o produto pra outro destino, as bandeiradas de canoa entregavam as tropas. Já tinha aquelas tropas que recebiam a carga das canoas e iam pra outro lugar que não tinha rio. Era lindo demais você ver uma bandeira de canoa passar.

Cada bandeirada de canoas, igual o tropeiro, elas tinham um violeiro que cantava pra amenizar a viagem. De cada praia que eles acampavam as canoas, era um show camuflado. Incendia um fogo ali e ia tocar viola, ia cantar, pra no outro dia seguir a viagem.


No rio Jequitinhonha, o cantador mais famoso que eu vi nas histórias chamava Tatalô. Tatalô era um

cantador, um violeiro, quase todas as bandeiradas de canoa contratavam o Tatalô. Ele não pegava peso, não pegava em nada, o negócio dele era viola e cantar. Então ele cantava aqueles cantos que eles criavam, aqueles cantos de beira-mar.

O Tatalô cantava muito bonito, aquela voz linda! E o rio é como se fosse uma caixa, tem um sistema grave que o som com os matos que tinha, era muito vegetado na beira do rio, dá aquele eco e ajudava o som. Aí o canto do cantador ficava mais bonito. Quando ele estava cantando e as canoas subindo, descendo, as pessoas que moravam nas margens do rio escutavam a voz de Tatalô longe. Saía das casas as moças, o pessoal:



*- Olha, tá passando aí os
canoeiros! Vamos ouvir o
cantador!*



Vinha aquele tanto de gente no barranco do rio. Ficavam as moças, os rapazes, o pessoal olhando as bandeiras de canoa passarem.

Em um mapa do seu lugar no futuro, o que você deixaria o passado desenhar?

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado com traçado branco sobre fundo rosa. Na parte superior, ilustração de rua com casas e plantações, representando o Barreiro em Araçuaí. Abaixo, tem o desenho da Igreja do Rosário, uma praçinha ao lado e várias outras casas. Ainda mais embaixo, o Cinema Meninos de Araçuaí, e região da Baixada. No canto inferior direito, o Córrego Calhauzinho, com pessoas ilustradas na margem bateando ouro. No canto inferior esquerdo, a ilustração do Rio Araçuaí e pessoas à margem tomando banho.



ARAÇUAÍ

Visitar a praça do passado para imaginar futuro

por *Mirlane (Pê)* e *Joseph (Jho) Coelho*

VINHAMOS canoieiros trazendo suas mercadorias pra vender e era bem aqui que acontecia todo o movimento da feira. Aqui, a gente tá na Praça Valdomiro Silva, que é bem em frente ao Cinema Meninos de Araçuaí³, um ponto de cultura desse lugar. Este espaço é muito significativo, porque a cidade começou aqui.

NESTE MOMENTO, tem um rapaz passando com um carrinho de mão,

fazendo barulho, levando algumas coisas, levando telhas. Eu diria simplicidade, se fosse pra resumir este lugar com uma palavra. Uma pessoa simples com trabalho simples. A construção social deste lugar onde eles estão reflete um pouco dessa simplicidade no fazer, de encontrar maneiras de sobrevivência.

³ Ponto de Cultura no estado de Minas Gerais. O Cinema Meninos de Araçuaí é um projeto do CPCD, que além de promover exibição de filmes também fomentou a formação de profissionais da área e a criação independente, dando origem à Fabriqueta de Produção Audiovisual. <http://www.cpcd.org.br/cinema-meninos-de-aracuai/>

AUDIODESCRIÇÃO

Colagem a partir de fotografias e ilustrações coloridas sobre fundo branco. Fotografia de jovens negros e pardos entrevistando senhora parda e cachorro ao lado. Ilustração de jovem negro com celular na mão. Fotografia de casas geminadas. Abaixo, fotografia de cinco jovens brancos e pardos, sorrindo. Ilustração de mulher negra fotografando-os.

NÚCLEO HISTÓRICO DE ARAÇUAÍ/BAIXADA

Conj. arquitetônico do Núcleo Histórico de Araçuaí – Área compreendida pela R. Salinas, Travessa Iguassu, Travessa Calhau, Travessa Tapuia, Travessa Mica, Rua do Rosário, R. Grão Mogol, R. Paraíba, R. Malacacheta, R. Costa Sena, R. Gentil de Castro, Praça Waldomiro Silva. Decreto de Tombamento nº 089/2002



TEM O RIO, os patrimônios, a igreja do Rosário que está logo ali. Este espaço mesmo é tombado como patrimônio. O centro histórico da cidade tá aqui na baixada e tem essa importância toda. Aqui tinha uma televisão que o pessoal assistia na praça e tinha a hora da energia cair também.

AS VÁRIAS enchentes, principalmente a de 1979, atingiram muito a população ribeirinha. Então, aconteceu do pessoal migrar e subir para um bairro que ficou conhecido como Canoeiro e depois, como Mutirão. A cidade era relativamente pequena, cresceu

de um tempo pra cá, apesar disso, eu não tinha nenhuma relação com a Baixada. A última enchente em 79, eu não tinha nascido ainda. Quando eu já estava um pouco maior, este espaço já estava abandonado.

POR AQUI ser um lugar de famílias mais simples, de uma condição financeira muito ruim, os pais colocavam essas crianças na escola e no Projeto Ser Criança. Eles conseguiam um trabalho, às vezes de dia inteiro, e não conseguiam cuidar da criança. Grande parte desses meninos são aqui da Baixada, só eu que



não sou daqui. Eu sou do Pedregulho, um bairro afastado da cidade, um bairro alto. Indo para esse projeto, comecei a conhecer crianças daqui. Minha relação aqui com a Baixada foi mais de encontrar esses amigos do projeto, minha relação foi de amizade.

Eu só tive uma relação aqui quando vim fazer um trabalho com o CPCD⁴. Começamos a tentar ocupar

pra revitalizar este lugar. Quando a gente chegou, a reação foi “Nossa, que lugar feio!”, porque era só casa caindo, não tinha ninguém, era mal iluminado, não tinha movimento nenhum e a gente não conhecia a história. Depois que começamos a conhecer a história, foi que começamos a valorizar mesmo e entender que o lugar não era assim.

⁴ Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.cpcd.org.br/>

TEMPO DEPOIS, eu tenho a oportunidade de vir trabalhar no cinema. Esses amigos já estavam maiores, mas sempre com essa coisa da brincadeira, de brincar de bola... Tem um campo aqui embaixo, tem um rio onde íamos tomar banho. Eu comecei a conhecer os amigos dos amigos, mãe dos amigos. Sempre foi mais legal brincar aqui. As casas estavam abandonadas, então para a gente era mais interessante brincar de pique-esconde, por exemplo. Até as mães ficavam mais tranquilas porque é uma rua menos movimentada, você conseguia ficar mais na rua sem tanta preocupação.

NÓS FOMOS convidados para vir para cá e pensar esse espaço. A gente não podia “invadir” o lugar, assim, sem se relacionar com as pessoas. Então, quando viemos pra cá, fizemos muito esse trabalho de convidar o pessoal para conversar, “Por que é que vocês querem destruir isso aqui?”, porque era ainda o pensamento de muitos moradores, que já estão cansados de ver as coisas em ruínas, aí se torna um lugar propício a tráfico, e muitas outras coisas.

ENTÃO, MINHA relação começou a partir desse trabalho, de entender as histórias dos prédios das pessoas, do lugar e aí apaixonei muito por aqui. Entendi meu lugar. É isso, uma relação de muito carinho. Sempre quando eu passo por aqui é um motivo de boas lembranças e de esperança também, que as pessoas ocupem cada vez, o poder público olhe com mais carinho e a população tenha esse sentimento de pertencimento mesmo, porque é nosso, é nosso patrimônio!

ESTE LUGAR para mim é isso, é afetividade, é companheirismo, é proximidade com as pessoas.



<https://rede.educacaopatrimonial.org.br/aracuai/>

O BATISMO DO OURO

Por Joseph Coelho

Eu já tinha ouvido falar dessas senhoras que bateiam procurando ouro em cabeceiras de rio aqui nas redondezas, e que a maneira de batizar em cada lugar é diferente. A Cláudia, mãe do Zinho, ela vem dos arredores de Araçuaí. Quando ela fala de batizar o ouro, porque senão ele some, ela falava que tinha que colocar o ouro no buraco, cuspir e enterrar. Eu sei que sempre tem um ritual, porque o ouro é uma coisa sagrada, ele pode fugir. Ela falou que quando achou, ela não cuspiu antes de enterrar, então ele fugiu, sumiu debaixo da terra.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo branco. Fotografia de mulher parda na frente de uma casa. Fotografia com pessoas pardas com fantoches levantados. Fotografia de nove pessoas negras, pardas e brancas em pé, com câmeras fotográficas nas mãos. Fotografia de casarão antigo. Fotografia de senhora negra sentada em frente à porta de uma casa. Fotografia de casas geminadas.

Se fizesse um mapa da fé onde você mora, quantas formas de acreditar diferentes ele revelaria?

Igreja Matriz

Distrito de Cocais

Centro

Cachoeira da Cambota

Cruzeiro

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado com traçado branco sobre fundo rosa. Na parte superior direita, ilustração da igreja matriz e casas com rua de calçamento, representando o centro de Barão de Cocais. No canto superior esquerdo, casas e plantações representando o distrito de Cocais. No meio, ilustração da cachoeira da Cambota e o Cruzeiro. Abaixo, a pista de skate. No canto superior esquerdo, a cachoeira da Gameleira.

Pista de Skate

Cachoeira da Gameleira

BARÃO DE COCAIS

Partindo da Matriz de São João rumo ao Poção de Oxum

por Wender (Dorado) do Santos

Sou popularmente conhecido como Dorado. Esse nome veio dos rios de Oxum, em que eu fui batizado. Por mim mesmo, inclusive. O rio fica num bairro próximo, o Dois Irmãos. Ele é muito especial pra mim, é meu refúgio, onde eu encontro a minha paz.

Saindo aqui da Praça da Matriz, você segue reto toda a vida pela esquerda e no final disso tudo vai cair nesse rio. Se não encontrar, pede a informação que todo mundo no começo da cidade, no primeiro bairro, vai saber onde é. Não tem erro.

A gente chama de Poção ou Pocinho. Ele não tem um nome, porque fica

em um bairro periférico, então não tem muita atenção. Mas eu gosto muito desse rio, eu sempre vou catar o lixo de lá. Sempre observo se tem mais alguma coisa que possa mudar pra preservar o lugar que gosto. Eu tenho uma relação com ele de poucos anos, na verdade. Quando eu descobri que eu poderia usar minha liberdade pra me descobrir mais, eu descobri esse rio. Eu cuido desse rio como se ele fosse um irmão meu. Moro ali perto desde que eu nasci, mas só descobri o Poção recentemente.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo branco. Fotografia de homem negro com câmera fotográfica nas mãos e mulher ao fundo. Fotografia de jovens negros e pardos em pé, com pintura ao fundo. Fotografia de bandeirinhas juninas sobre céu azul. Fotografia de detalhe de um rosto de pessoa parda olhando para lente. Fotografia de multidão em pé. Fotografia de três jovens sentados em uma mesa fazendo colagem sobre papel. Fotografia de uma sacada de um casarão de madeira. Fotografia de uma vista para casas e montanhas. Fotografia da parte interna de uma igreja colonial.

Meus pais não são daqui. Quando eles vieram pra cá, o costume era que você buscasse uma igreja por perto pra quando você tivesse filhos, batizasse seu filho nessa igreja. A única igreja que tinha na época era a Matriz.

Eu me lembro do teto da Matriz. Na época, era uma pintura totalmente diferente. Eu me lembro e tenho uma familiaridade com o batismo e com o teto dessa igreja. O nome dela é Igreja Matriz de São João. Lembro

que tinham vários anjos nesse teto e um espelho refletindo alguém. Eu lembro também que parecia o céu e que os anjos nadavam nesse céu. Não parecia que eles estavam voando. Era uma imagem meio distorcida, porém era muito bonita. Era uma pintura bem antiga, na época estava até descascando. Eu lembro que eu ficava viajando nesse teto por horas e horas.



olha a vista do cruzeiro

O cruzeiro que brilha nas noites de Barão

por Micaely Fernandes

Este aqui é o Cruzeiro, que tem uma vista maravilhosa. Neste horário da manhã, fica uma delícia de ver e sentir essa brisa no rosto. Dá pra você ter um panorama da cidade e das montanhas também. Ele fica a uma altitude bem alta da cidade. Tem uma torre aqui atrás da gente, eu acho que é de sinal de telefone. Tem também uma grama, uma capela católica e o Cruzeiro que é uma cruz de todo tamanho, que brilha à noite. Ela brilha muito, até onde você ver cidade a vista da cruz alcança.

Este lugar tem um significado pra mim e pra um monte de jovens aqui de Barão, porque a gente gostava de subir na torre. Vocês viram a torre lá em cima? Não tem como subir mais não. Tem muitos casais que vêm aqui no Mirante namorar, gente que vem aqui ficar com os amigos, beber um pouco. O meu primeiro contato, eu vim com a escola. A gente saiu lá de próximo daquele pontilhão a pé e veio pra cá, isso é coisa de 3km. Adolescentes, adultos, jovens, vem pessoas de várias faixas etárias aqui.

AUDIODESCRIÇÃO

Colagem a partir de fotografias e ilustrações coloridas sobre fundo rosa. Fotografia de jovens negros e pardos sorrindo e posando para a foto. Fotografia de mulher parda com câmera nas mãos. Fotografia de homem negro agachado. Ilustração de montanhas e ilustração de jovens parda e branco, fazendo filmagem.

RINCÕES DAS DESCOBERTAS

BARÃO FERVILHANTE

Por Wender (Dorado) dos Santos

Eu descobri que o underground da cidade é muito importante para mim, as rodas de rima na Pista de Skate, as rodas de rap, a própria Pista de Skate, o Poliesportivo. Tem as manifestações mais tradicionais também, a festa de São João aqui na Matriz mesmo. No distrito de Cocais, tem a Festa da Quitanda, tem a feirinha dos artesãos ao lado da Pista de Skate e a Casa do Artesão, aqui em frente a Matriz.

CASA DO ARTESÃO

A Casa do Artesão reúne diferentes artesanatos que remetem à história de Barão de Cocais e dos seus moradores. No local, estão expostos produtos fabricados pelos artesãos cocaienses e é possível adquirir essas produções. A Casa do Artesão foi tombada pela Prefeitura Municipal de Barão. Decreto de Tombamento nº 008/2009.

Praça Monsenhor Gerardo Magela Pereira, nº 304/308
– Centro



GAMELEIRA, UM SEGREDINHO PARA O VERÃO

Por Micaely Fernandes

Perto da minha casa, no bairro Boa Esperança, tem uma cachoeira escondida embaixo de uma ponte. O pessoal lá do bairro conhece, se você perguntar onde tem a cachoeira da Gameleira, eles vão saber explicar direitinho. A água é bem fria, então tem que ser no verão. Ela é mais oculta, está entre paredões rochosos gigantes. E é uma cachoeira linda com água escura. O pessoal, quando vai pra Cachoeira da Cambota, passa pelo último bairro, que é o meu, ou o Cantinho do Céu, e passa por essa cachoeira.

Tem uma parte de baixo, é um riacho bem rasiinho que crianças adoram ir. Tem uma outra parte que tem um pouco mais de pedra e é mais profunda, é bom até tomar cuidado. Lá perto tem uma represa que muitos moradores recebem essa água na torneira de suas casas. Antes dessa represa, tem uma areazinha com a cachoeira lá no fundo. Você tem que ir nadando pra adentrar essa cachoeira ou vai pelo paredão. É um lugar que é um segredinho.

CACHOEIRA DA CAMBOTA

Localiza-se no bairro Córrego São Miguel e integra o complexo Serra do Espinhaço, reconhecido em 2005 como Reserva da Biosfera pela Unesco.

Trem

Vista de
Catas Altas

Quase todo mundo tem uma roça em sua linha do tempo. Que tal resgatar essas memórias e fazer seu próprio guia de aventuras por terra e mata?

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado com traçado branco sobre fundo verde. Na parte superior, ilustração da vista de Catas Altas, com árvores, vegetação, montanhas e um trem. Ao centro, ilustração de casas entre ruas. No canto inferior direito, desenho de lagoas, vegetações e um "mata burro" sobre estrada e mais casas. No canto inferior esquerdo, ilustração de bambuzal, pedras, vegetação e posto.

Posto

as pedras

Bambuzal

Mata burro

Lagoa

Lagoa



CATAS ALTAS

Cafezinho com bolo no Sítio Córrego Barbosa

por Gislene Marcela Muniz

É o sítio da minha avó, ele chama Sítio Córrego Barbosa. A região aqui, a gente fala mais perto da Ponte dos Perdões, o nome mesmo ninguém sabe. Tem um córrego que passava aqui no fundo, ele passava também pela região do Barbosa, um lugar que tem aqui pra frente, aí ficou chamando assim. Hoje é uma lagoa, mas antes era um córrego.

Pra chegar, a pessoa sai de Catas Altas em sentido a Santa Bárbara. Vai entrar na primeira entrada direita, aí ela vai pegar a estrada de terra e vem reto. Vai passar a Ponte dos Perdões, continua reto, aí sobe o morro

da Ponte dos Perdões. Vai passar o mata burro e continua subindo um pouquinho. Na encruzilhada entra à esquerda e desce à esquerda de novo e chega aqui.

Quando me perguntaram um lugar em Catas Altas, que se eu tirasse uma foto, essa foto contaria a minha história, eu tentei pensar em muitos pontos turísticos, depois eu comecei a pensar aqui. É que eu cresci aqui, passei minha infância inteira, a melhor fase da minha vida. É uma fase que nunca mais vai voltar, mas as lembranças estarão pra sempre comigo.

AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas. Fotografia de uma grande árvore. Fotografia da vista para montanhas. Fotografia de um senhor negro e uma senhora branca, sentados. Fotografia de um homem sentado em praça com carro branco ao fundo. Fotografia de casa branca com muitas árvores e vegetação ao redor. Fotografia de uma porteira com casa branca ao fundo.



Quando eu penso aqui, em casa de vó, casa de Dindinha Veva, eu penso em um cafezinho com bolo. Aqui sempre tem bolo. Eu penso nos primos. Quando a gente era novo, juntava os primos, brincava no campinho, brincava de queimada, brincava de futebol, brincava de artilheiro. E eram umas brincadeiras

gostasas. Brincava de bicicleta nessa estradinha que tem aí. Na época de jabuticaba, a gente subia no pé, apanhava, fazia bolo de barro e jabuticaba debaixo dos pés. A gente escondia no meio das bananeiras para as galinhas não mexerem. Dindinha Veva que aguentava essa bagunça.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo verde claro. Fotografia de senhor alto e pardo, em pé, abraçando senhora parda de baixa estatura, na frente de uma grande porteira. Fotografia de bois no pasto.

RINCÕES DAS DESCOBERTAS

VISITA À CASA DO ZÉ DO LEITE E DA NAZINHA

por Denise dos Santos

Essa cultura popular que a gente presencia na roça, a feitura do queijo, levantar cedo pra tirar o leite, pra tratar dos bichos, colher o milho, a cebola... Eu fui redescobrir isso na casa do Zé do Leite e da Nazinha. Assim, justamente nessa ordem que eles falam, “Nazinha do Zé do Leite? Ah, eu sei quem é”. Lá nós presenciamos tudo isso, subimos na cerca para tirar foto dos animais, voltamos com carrapato. Quem não voltou com um carrapato, foi errado.

Essa visita que nós fizemos de rolezinho com a turma me trouxe um atravessamento de memórias da infância. Eu passei um período grande da infância na roça e essa volta a um território que reascendeu minhas vivências, me fez perceber o quanto elas ainda estão presentes. São práticas que acabaram na minha família, mas que continuam em outras e que os meninos que estavam comigo no rolezinho ainda têm acesso.



A 40 MINUTOS DO CENTRO, CACHOEIRA DA SANTA

por Natalie Matos

Em Catas Altas, se você caminha 40 minutos do centro da cidade, você está dentro de uma cachoeira incrível, linda. Eu tirei um dia e falei “Gente, eu vou na cachoeira amanhã. Quem anima?”. Fui cedinho, saí era sete horas da manhã. Tudo muito sinalizado, fui seguindo as placas: Cachoeira da Santa. A gente está no Centro, na Praça da Matriz. Depois que a gente desce e atravessa a ponte que tem um riozinho passando, vira à esquerda e tem um campo de futebol. Dali, continua subindo uma trilha muito tranquila. E aí, você não sabe... a água é limpa! Quando você entra, ela dá uma afundadinha, então dá pra nadar. Velho, que presente, que coisa incrível!



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem a partir de fotografias e ilustrações coloridas sobre fundo verde claro. Fotografia de sete jovens pardos e negros, entrevistando senhor branco ao lado de fabricação de rapaduras. Ilustração de homem branco e careca ajoelhado ao lado de mulher parda, cadeirante. Fotografia de igreja com mulher branca com câmera nas mãos. Fotografia de montanha. Fotografia de cachorro preto. Fotografia de dois homens e cinco mulheres, dentre pardos e negros posando para a foto. Ilustração de mulher negra e homem negro segurando um estandarte e mulher negra ao fundo com braços para cima. Ilustração de bandeirinhas.



<https://rede.educacaopatrimonial.org.br/catas-altas/>

CENTRO HISTÓRICO DE CATAS ALTAS

O Núcleo Histórico de Catas Altas compreende a Rua do Rosário, Ladeira da Santa Quitéria, Rua Monsenhor Barros, Rua São Miguel, Rua Nossa Senhora do Carmo e outras, incluindo a via e suas respectivas construções. O Núcleo Histórico foi tombado como Patrimônio do Município, em 1999.

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado com traçado branco sobre fundo amarelo. No canto superior esquerdo, o desenho do Rio Jequitinhonha com ponte sobre o rio, e no direito, a ilustração de um peixe com nome de traíra encantada. Do outro lado do rio, o desenho do porto da branca, com dois homens e canoas. Mais à frente, uma casa com um caminho, denominada casa do mestre Ulisses. Abaixo, o desenho do túmulo da Escrava Feliciano e ao lado uma casa com sete portas e um caminho que fina em uma festa junina. No canto inferior direito desenho de galpão com muitas portas e janelas, representando o Mercado Municipal de Itinga e do outro lado, o desenho do bairro cidade nova, rua com casas geminas, mulher sentada na porta de casa, árvore e campo de futebol.



Traíra
encantada

Casa do Mestre
Ulisses

Túmulo
Escrava Feliciano

Porto da Branca

Casa das 7 portas

Mercado Municipal

Festa junina

Cidade Nova

Aproveite o enredo do Antigo Mercado pra se inspirar e criar um glossário dos cheiros e sabores da sua infância

Campinho
de futebol

ITINGA

Uma imersão nos cheiros e sabores do Antigo Mercado

por Christiane Cardoso Teixeira

Cidadã de Itinga a minha vida inteira, 45 anos. Eu não seria a Christiane se eu tivesse vivido e convivido em outro lugar, porque a história de Itinga me traz toda essa resistência. Itinga é um lugar de muita resistência. É um lugar antigo que se tornou cidade aos poucos, pela necessidade, pelos aglomerados.

Este espaço aqui em que estamos era o Mercado Municipal. Itinga surge em torno do Porto da Branca, um entreposto comercial, local de trocas de mercadorias do Sul da Bahia com o Norte de Minas. Fica pertinho daqui. E aí surge a necessidade do mercado, início do século XX.

Vinha o pessoal da zona rural, e era rapadura, queijo, arroz, a gente produzia muito toucinho. As tropas também vinham da zona rural e vinha muita mercadoria pelo rio. No final da década de 1990, a feira ainda acontecia aqui.

Durante todo esse período que o mercado existe, já deve ter mais de 100 anos, além de troca de mercadoria, aqui também era o lugar que acontecia as festas, os bailes de carnaval. Minha avó sempre contou que tinha muita festa, festa de cordão, era o espaço que aconteciam as festas dos partidos políticos também. Aqui sempre foi espaço de tudo!

AUDIODESCRIÇÃO

Colagem a partir de fotografias e ilustrações. Ilustração de mulher negra e homem negro segurando um estandarte e mulher negra ao fundo com braços para cima. Ilustração de bandeirinhas. Ilustração de homem branco e careca ajoelhado ao lado de mulher parda, cadeirante. Fotografia de rio com ponte e vegetação ao fundo. Fotografia de um homem negro segurando câmera, mulher negra segurando celular e mulher branca com as mãos no joelho. Fotografia de homem negro agachado junto a uma câmera e tripé. Fotografia de cinco crianças em pé e de costas na porta de uma casa na beira do rio. Fotografia de jovens fazendo pose para a câmera, duas mulheres negras, duas mulheres brancas, uma mulher parda e dois homens negros. Ilustrações de bandeirinhas e traços ao redor das fotos.



<https://rede.educacaopatrimonial.org.br/itinga/>



Lembro na minha infância, que aconteciam os leilões da igreja. Eram festas com mesas de leilões que tinham biscoito, coco, compota de doce. A feira que acontecia aqui dentro do espaço do mercado e no entorno. Tinha um senhor que tinha uma máquina de descascar laranja, naquela época pra nós era um evento ver aquele descascar da laranja. Tinha uma máquina que tinha umas

garrafas penduradas e aí saía uma espuma gelada e pra nós era sorvete. Esses eventos da infância, vir na feira, aqueles cheiros, aqueles sabores, degustar essas coisas novas.

Lá pelo período de 2007, por aí, a feira muda e vai pra um outro espaço, que é a feira coberta. Hoje aqui é o Centro Cultural.



Entre Araçuaí e Itinga, conheça o Taquaral

por Genilson Rocha

O Taquaral fica às margens do rio Jequitinhonha. Pra se localizar é bem fácil, ele fica entre a cidade de Itinga e Araçuaí, no meio ali entre as duas. A gente escolhe o prefeito de Itinga, mas Araçuaí é uma cidade onde a gente sempre vem resolver as coisas.

Lá no Taquaral, tem uma parte do pessoal que é mais de idade, que fica mais em casa, só participa das coisas da igreja ou da escola. E tem as pessoas que gostam muito de festa, de sair. Apesar de ser um local pequeno, tem gente bem alegre e muito trabalhadora. Uma das bases da economia de lá é a exploração de pedra preciosa de maneira artesanal. O

pessoal pega mesmo a picareta e tenta achar alguma coisa. Alguns até mudaram de vida dessa maneira.

A comunidade, quando ela se une pra fazer alguma coisa, algum encontro cultural, alguma festa, sempre saem coisas bem bacanas. Lá foi formado por três famílias, então não é muito difícil você achar um primo distante. E o que eu mais gosto é isso, dessa relação próxima que a gente tem com as pessoas. A minha família é gigante e é a parte da minha avó. Ela foi uma das três que fundaram o Taquaral. Família Ferreira. Tem a família Rocha e os Gonçalves também.



RINCÕES DAS DESCOBERTAS

AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo amarelo. Fotografia de um rio. Fotografia de praia na beira de um rio.

A DESCOBERTA DA HISTÓRIA

Por Genilson Rocha

Eu descobri a história. Até porque a Christiane é uma historiadora e eu tive esse privilégio de ter tido aula com ela no projeto. Ficou muito pra mim o aprender mais sobre o local onde eu nasci, saber que a cidade de Itinga tinha uma economia muito forte baseada no rio Jequitinhonha. Eu não sabia. Sobre as histórias, as lendas, eu não sabia que era tão forte essa tradição das lendas. É uma coisa que eu não conhecia mesmo.

A que mais me marcou, eu acho que foi a da Escrava Feliciano por toda a questão do racismo e também depois, dela operar milagres, segundo os relatos das pessoas. Ela tinha muitos devotos na cidade. Ela era uma escrava e a dona dela, acho que ficou brava e queimou ela no forno. O local onde ela foi enterrada virou meio que sagrado para as pessoas. Uma vez por ano, tem a festa dela na cidade, em novembro, no Dia da Consciência Negra tem a procissão.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo amarelo. Fotografia de três jovens negros caminhando em uma rua. Fotografia de praia na beira de um rio. Fotografia de galpão com muitas portas e janelas. Fotografia de homem negro em pé ao lado de carrinho de mão no meio de uma rua. Fotografia de escultura de uma lavadeira com uma criança em uma mão, uma trouxa de roupas na outra mão e na cabeça. Fotografia de escultura de mulher amamentando sentada em cima de um fogão a lenha. Fotografia de pessoas caminhando distantes de uma rua. Fotografia de jovens gravando uma entrevista com uma senhora na porta de uma casa.



Centro Histórico

Bicho da
Carneira

Praça do
Varandal

Boi de
Janeiro

1, 2, 3 e já! Diga, sem se
demorar, o nome do lugar mais
fantástico que você conheceu

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado com traçado branco sobre fundo azul. No canto superior esquerdo, desenho de praça, com casas geminadas e montanha ao fundo. No canto direito, monstro peludo parecido com um lobo. Abaixo, desenho de boi enfeitado ao lado de uma boneca voluptuosa. No canto inferior esquerdo, vila com várias casas, pessoas e vegetação. E no canto direito, túmulo com cruz ao lado, vegetação e pessoas a caminho.

PEDRA AZUL

O Pantanal Pedrazulense

por Willian (Will) Nascimento

Você desce a avenida e vai reto toda vida, sobe a ladeira da Policlínica direto e quando você começar a descer, chegou no Pantanal.

O Pantanal é o lugar que eu cresci. Quando eu mudei pra lá, ele tinha recém urbanizado, antes tinha uma fazenda. Nós somos uma das primeiras famílias a chegar lá, isso em 1994, eu tinha 3 anos de idade. Morei lá até os 22 anos, passei grande parte da minha vida, vi a comunidade crescer. Acho que tudo relacionado à minha vida está no Pantanal.

Por se assemelhar um pouco com o Pantanal do Mato Grosso do Sul,

o povo deu esse nome. É uma vila dentro do bairro Plataforma. Antigamente, era uma lagoa exatamente no lugar onde as pessoas construíram as casas. Ela fica num vale e você não vê mais nada ao redor, você só vê o Pantanal.

Grande parte das coisas que eu tenho referência, dos trabalhos que eu faço, eu trago muito do Pantanal, um lugar que tinha rezador, tinha caçador, tinha criador de passarinho, tinha as pessoas que faziam os remédios santos, são pessoas que eu convivi no Pantanal durante muito tempo.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo azul. Fotografia de fantasia de duas bonecas grandes e voluptuosas. Fotografia de fantasia de boneca de pano voluptuosa, fantasia de boi ao canto e pessoas ao redor. Fotografia de pessoa fantasiada de boi, dançando, com multidão ao redor. Fotografia de homens pardos, com microfone e instrumentos nas mãos. Fotografia de fantasia de boi azul e branco. Fotografia de crianças pegando em homem fantasiado de boi. Fotografia de pessoa fantasiada de boi, dançando, com multidão ao redor. Fotografia de meninas brancas, menina negra e homem negro ao lado da fantasia de boneca voluptuosa. Fotografia de homem branco tocando tambor.

RINCÕES DAS DESCOBERTAS

MARIA E OS BOIS DESCEM A LADEIRA EM JANEIRO

por Bianca Félix

No dia eu não sabia direito, mas eles tinham nos chamado pra tirar foto dos bois. Aí nós entramos lá dentro da roda tiramos a foto dos bois todos. Aqui são vários bois. Quando é primeiro de janeiro, eles já começam a sair e saem até dia seis. Tem os Bois da Ladeira, da Serra e outros. Cada um mostra o que sabe.



Eles entram numa roda com a Maria Manteiga que samba. Também tem outras Marias. Antigamente, que eu sei da história, a Maria que brigava mais ganhava. Disputavam também pra ver qual era a mais bonita. Só que hoje em dia não é mais assim de briga, não. A Maria é uma boneca, que nem o boi, bem grande e vai uma pessoa dentro.

Todo ano eu vou. São seis dias que eles se encontram aqui na Praça do Varrandal. Eu subo junto com eles e desço também. Eu lembro a primeira vez minha. Nós viemos pra cá pra praça e na hora de descer, a Maria começou a enrubar eu, minha irmã e meu primo. Nós descemos a avenida todinha correndo. Eu acho que eu tinha uns nove anos, dez por aí.

FOLIA DE REIS

A Folia de Reis é uma forte expressão cultural e religiosa reconhecida como patrimônio cultural imaterial do estado de Minas, pelo IEPHA, em 2017. Alguns grupos tradicionais do Vale do Jequitinhonha integram ao Reisado um folguedo popular conhecido como Boi de Reis ou Boi de Janeiro. São exemplos o Boi Carvão e Boneca Paga Luz, as Pastorinhas do Grupo Raízes da Vida, Boi de Janeiro JJ e Boneca Elenita, entre outros.



<https://rede.educacaopatrimonial.org.br/pedra-azul/>

AUDIODESCRIÇÃO

Colagem a partir de fotografias e ilustrações coloridas sobre fundo azul. Fotografia de mulher negra com câmera nas mãos. Fotografia de mulher negra, agachada e sorrindo. Fotografia de montanha com vegetação ao fundo. Ilustração de mulher negra e homem branco manuseando fone e câmera em tripé e homem negro com celular nas mãos. Ilustrações de traçados ao redor da fotografia. Fotografia de mulher parda com janela ao fundo. Fotografia de céu azul. Fotografia de duas mulheres negras com bebê no colo em frente a uma banca com frutas e legumes, mulher parda ao fundo. Fotografia de mulher branca com celular nas mãos. Ilustração de bandeirinhas. Ilustração de mulher negra e homem negro segurando um standart e mulher negra ao fundo com braços para cima.



CENTRO HISTÓRICO DE PEDRA AZUL

O Centro Histórico do município é um patrimônio tombado pela Prefeitura Municipal e possui casario construído no início do século XX.



Se tivesse que acompanhar um último cortejo, o que ele celebraria?

Jorge

Quadra

Igreja Matriz

Casa do Buré

Câmara

Quilombo Caxambu

Campo

Querosene

Rio

Lenda do Jequi

Escola

Brejo

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado com traçado branco sobre fundo verde. Na parte superior vilarejo com casas, vegetação e quadra. Logo abaixo uma igreja, um quilombo, escola e câmara. Na parte inferior da página, brejo, rio com pessoas ao redor e jequi ao lado.

RIO PIRACICABA

Rio Piracicaba em maio

por Ana Laura Tomaz

Se vocês pudessem vir mesmo em maio, vocês iam ver. Coisa mais bonita a procissão! É festa de São Miguel, a cidade inteira se junta pra rezar. São Miguel é o padroeiro aqui de Rio Piracicaba, tem até o mirante dele.

A gente tem os dias de novena na igreja do Bom Jesus. Depois que acabam os 9 dias, a gente faz uma procissão de 5 dias. Primeiro a gente sai com o Senhor Bom Jesus, que vai pra outra igreja andando, tem

também o estandarte com o rosto dele e a gente sempre vira o Senhor Bom Jesus pra todas as casas, pra abençoar. No final volta aqui pro São Miguel. Eu fui batizada, lá.

Pra chegar na igreja é bem fácil. Você pega aqui a BR e vai sair na porta do supermercado. Vai subir mais um pouco e tem a placa no Morro do Hospital. Dali vai descer e já vai dar de cara com a Prefeitura e com a Igreja.

IGREJA MATRIZ – PARÓQUIA SÃO MIGUEL DE RIO PIRACICABA

A Paróquia São Miguel foi criada em 1748 e é um patrimônio inventariado em 2007, pela Prefeitura Municipal de Rio Piracicaba.



<https://rede.educacaopatrimonial.org.br/rio-piracicaba/>

Da Bahia, veio fazer a história no Jorge

por Emanuele Correia

A casa da minha bisavó fica no Córrego São Miguel, um pouco antes de Monlevade. É um bairro daqui. Lá eu passei muita coisa com a minha família e a maior parte da minha vida. Até hoje, eu vivo lá. Ela é mãe da minha avó por parte da minha mãe. No dia do aniversário dela, todo mundo se reúne lá pra comemorar.

Não é uma casa grande, mas é aconchegante, tem muito carinho. A minha bisavó veio com a mãe dela da Bahia, fugida de uma fazenda de escravos. Ela mudou pra cá pra roça, lá no Jorge, com o meu bisavô quando os dois se casaram. Tem o bairro da casa da minha avó hoje e o Jorge fica um pouco pra baixo. É uma roça bem distante, mas é aqui dentro de Rio Piracicaba mesmo.



Minha bisavó fez a história no Jorge. Uma das primeiras casas que construíram lá, meu bisavô ajudou a construir e eles moravam numa delas. Aí a minha família foi toda ficando por lá mesmo. Depois a minha

bisavó veio embora e todo mundo veio junto com ela. Quando ela mudou lá pro Córrego, pra COHAB⁵, ela conta que quase não tinha casas. Agora lá tem mais casas, tem supermercado, tem tudo lá em cima.

AUDIODESCRIÇÃO

Colagem a partir de fotografias e ilustrações coloridas. Fotografia com vista para montanhas e casas ao fundo, três jovens pardas sentadas ao redor de uma mesa com computador, pintura em tela ao fundo e câmera no tripé ao lado. Fotografia de duas jovens negras de costas e uma turma de jovens e adultos, pardos negros e brancos sorrindo e fazendo pose. Ilustração de mulher negra e homem negro segurando um estandarte e mulher negra ao fundo com braços para cima. Fotografia de casas geminadas em estilo colonial, acima, homem branco de bigode como se estivesse debruçado no telhado.



⁵ A COHAB, Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais é uma empresa de economia mista do Governo do Estado, hoje vinculada à Secretaria de Estado de Cidades e Integração Regional, e tem por objetivo promover o acesso a habitação de interesse social.

DÊ UM ROLÊ NO QUILOMBO CAXAMBU E CONHEÇA O BURÉ

por Gabriela Matos

Foi muito legal o que aconteceu com o Buré. A turma toda falou que tínhamos que fazer a entrevista com ele. Quando a gente chegou lá no Quilombo Caxambu, tinha esse senhor esperando um pouco para cima. Eu não conhecia quem era ele, nem de imagem, e o Júlio falou assim “Esse aqui é o Buré” e um dos meninos respondeu “Esse é o Buré? Ah! Eu conheço. Ele ensaiou a gente na banda”.

Essa figura foi intitulada detentor do patrimônio cultural da cidade, de fazeres tradicionais da música, da Folia de Reis; está tão perto deles, tão do lado deles e eles não sabem. Quer dizer, eles sabem, mas eles não associam o valor que essa figura tem à pessoa. A história já está introduzida, mas eles não têm acesso no sentido de parar, refletir e conseguir fazer essas ligações.

Um professor meu, o Fred, falou uma frase tão bonita, eu nunca esqueço, “Às vezes, a gente nem tem a possibilidade de sonhar”. A gente nem sabe onde pode ir. O simples ato de circular pela própria cidade, de entrar dentro de um ônibus e saber que você está indo para um lugar que não é a sua casa, a sua rua, isso promoveu um alvoroço nas turmas do projeto. E esse rolezinho cria memória.

QUILOMBO CAXAMBU

O Quilombo Caxambu, em Rio Piracicaba, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, em 2011. No local, é desenvolvido intenso trabalho comunitário de salvaguarda e transmissão de tradições centenárias.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo verde. Fotografia de rio com vegetação ao fundo. Fotografia de homem pardo na porta de um casarão. Fotografia de flores coloridas. Fotografia de turma de jovens e adultos, pardos negros e brancos sorrindo e fazendo pose. Fotografia da vista de uma cidade com casas, igreja e vegetação. Fotografia de mãos negras desenhando sobre tecido.

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado da cidade de Rubim, com traçado branco sobre fundo vermelho. Na parte superior, ilustração de montanha ao fundo, casas geminadas a frente com vegetação. Ao centro, desenho de galpão, caminho e casa com muitas janelas. Desenho de uma cova e pessoas dançando com instrumentos ao redor de um boi enfeitado. Ao final de página, casarão ao redor de vegetação e riacho.

Serra da Cangalha

Baixinha

Vokvim

Folia de Reis
Coquis

Cova do Correio

Lá no fundo do baú das memórias,
todo mundo tem um contador de
histórias que carrega consigo pra
todo lado. Quem é o seu contador?

Casa na roça



RUBIM

Fazenda Encantada e Roça das Histórias

por Alba Valéria Dutra

Minha avó era filha de mestre de folia. Ela adorava folia. Meu pai também adorava Folia de Reis e a nossa casa na roça tinha um salão grande. Acho que nem era tão grande assim, mas eu criança via como grande. Tinha cimento, coisa que nas fazendas a maioria era de chão batido, então eles faziam o finalmente da folia lá. Fazenda Boa Vista. Ficava na divisa do Rubim com Jacinto. Meu pai e minha mãe eram muito fartos e tinha muita coisa gostosa de comida, de bebida, minha mãe armava o presépio... então eu fui criada com essa cultura comunitária.

Na minha casa, era muito comum se reunir pra contar caso, eu fui rodeada de histórias na minha infância e eu sempre gostei muito. Minha avó era uma narradora, essa fonte pra mim foi sempre muito rica e perene. Quando eu estudava o ensino médio, eu conheci Guimarães Rosa e foi aí que eu me encontrei na literatura, porque eu vi que tudo aquilo que eu valorizava e gostava, que me nutria, compôs o imaginário da literatura rosiana e foi ele quem disse que narrar é resistir.

Aqui em Rubim, muitos causos e lendas sempre foram narrados, nós temos nossos griots. Um conto que nos marca muito é a lenda do Seu Manoel, a lenda da Cova do Correio, que conta um tipo de crime

de preconceito, de culpabilização e até de extermínio de uma raça. Esse conto mostra que a história é o lugar também da transgressão, o momento de sair da dor e de elaborar esse luto através da imaginação.



<https://rede.educacaopatrimonial.org.br/rubim/>

FOLIA DE REIS COQUIS

A Folia de Reis Coquis foi fundada entre 1900 e 1901, em uma fazenda de um antigo povoado chamado União, na região de Rubim.

AUDIODESCRIÇÃO

Colagem a partir de fotografias e ilustrações coloridas. Fotografia de senhor negro sentado no degrau da porta de casa. Fotografia de homens pardos em pé em frente uma casa. Fotografia de homem pardo segurando câmera em frente ao rosto. Ilustração de bandeirinhas e traços ao redor das fotografias. Ilustração de homem branco e careca ajoelhado ao lado de mulher parda, cadeirante. Fotografia de dez homens negros e pardos, uma mulher parda e uma mulher branca, em pé em frente a uma casa. Fotografia de homem pardo segurando câmera em frente ao rosto. Ilustração de mulher negra segurando câmera em frente ao rosto. Ilustração de traços ao redor das fotografias.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo rosa. Fotografia de um homem pardo andando em uma rua de calçamento. Fotografia de casas geminadas, montanhas ao fundo e céu azul.



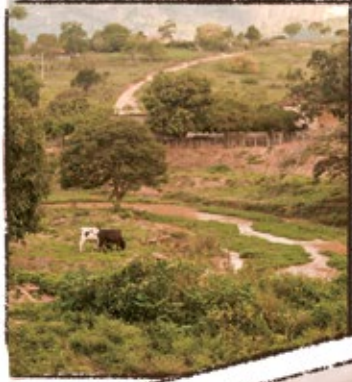
RINCÕES DAS DESCOBERTAS

DA BAIXINHA, VEJA A SERRA DA CANGALHA

por Carlos Domingos de Jesus

Eu cresci na Baixinha e a minha história tá toda ali. É um dos bairros mais desprezados do Rubim. Ela representa tudo na minha história, porque foi a partir dela e do Rubim que eu comecei a adquirir os conhecimentos e realmente aprendi a viver. Eu sempre ouvi dizer de vários pontos aqui, mas depois que eu entrei nas oficinas do projeto, foi que descobri lugares muito lindos que nunca tive a oportunidade de conhecer.

Um deles é a Serra da Cangalha. Ela é bonita! Batizaram com esse nome porque parece essa cangalha usada em animais. Antigamente o pessoal, como não tinha muitos meios de transporte, colocavam a cangalha nos animais pra carregar os materiais e tudo mais.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas sobre fundo rosa. Fotografia de pasto com riacho e vegetação. Fotografia de turma de jovens negros, pardos e brancos, sentados em frente a um casarão. Fotografia em sépia de vilarejo em meio a vegetação e montanha. Fotografia de senhor negro andando de costas em rua de calçamento. Fotografia de senhor negro sentado em banco da praça com pinscher ao lado. Fotografia de homem negro andando de costas em estrada de terra. Fotografia de rua de calçamento. Fotografia de dois jovens pardos em uma bicicleta em estrada de terra.



Congado

zé Pereira
Mascarados

Igreja do
Rosário

Praça XX

Rua dos Paços

Cinema

Casa de Cultura

Cemitério

Praça do
Karaiba

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado com traçado branco sobre fundo vermelho. No canto superior esquerdo, praça com ilustração do congado. No canto superior direito, rua dos paços, máscaras com referência a Zé Pereira Mascarados e igreja. Ao centro, ruas, cemitério, cinema e Casa de Cultura. Abaixo, a praça do Karaiba com mais ruas, casas e vegetação. No canto inferior direito, vilarejo conhecido como “Morro d’água quente”.

Você tem uma agência de viagens que promove passeios incríveis por lugares inusitados onde você vive. Crie uma propaganda para divulgar um desses passeios

Morro da
Água quente

SANTA BÁRBARA

Destino muito frequentado, conheça a Rua do Cemitério

por Sofia Martino

A gente está conversando na casa da minha família. Era a casa do meu bisavô, que passa pra minha avó, que agora é dos meus tios e eu moro aqui com a minha tia Dodora.

É uma casa colonial, tem um quintal enorme com umas árvores centenárias que o meu avô plantou. Aqui é uma bagunça de plantas, plantas comestíveis, medicinais, ornamentais, tem fruta, tem remédio, tem de tudo. Antes era muito mais. A minha avó colocava vaso em todos os milímetros da casa. E no alto eram os passarinhos do meu avô. Ele tinha uma coleção de passarinhos, todos

registrados, os dois eram esse casal das plantas e dos passarinhos.

A minha mãe e o meu pai moravam em outro lugar, mas como a minha mãe trabalhava bem próximo dessa casa, eu sempre fiquei muito aqui. Todo mundo se reunia aqui pra brincar, fazer churrasco. Depois minha avó morreu, a gente ficou por conta de cuidar do meu avô e quando eu tinha uns 11 anos, ele morreu. Assim esfriou um pouco essa relação com a casa, mas as memórias da infância, os momentos bons que a gente teve aqui permaneceram.



AUDIODESCRIÇÃO

Colagem a partir de fotografias e ilustrações coloridas. Fotografia de cinco jovens negros e pardos em pé em uma praça. Fotografia de pessoa com fones e gravador de voz. Fotografia de dez jovens, negros e pardos, posando para a foto. Fotografia de jovem negro manuseando câmera em tripé. Fotografia de pessoa em pé, sobre técnica fotográfica de light painting. Ilustração de mulher negra e homem branco manuseando fone e câmera em tripé e homem negro com celular nas mãos.

Em Santa Bárbara, primeiro construíram a Igreja da Matriz. Cresceu um pouco e construíram a linha do trem, aí ela desenvolveu de novo. Nesse processo, era tudo pro lado da matriz e da linha do trem. Esta rua aqui do cemitério não tinha nada, tinha esta casa aqui e mais outra pra frente, o cemitério e mato. Mato infinito. Depois tudo foi crescendo.

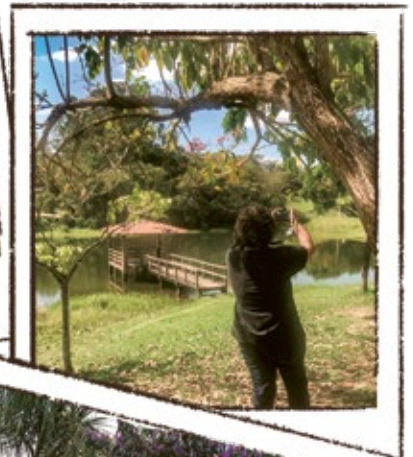
Minha avó morava nesta rua, minhas tias moravam nesta rua, meu tio-avô morava nesta rua, é quase que uma vila da minha família. Quando eu era criança, brincava, andava de bicicleta aqui, brincava no cemitério. A história da minha família meio que tá embolada com a história do surgimento e evolução da cidade.

<https://rede.educacaopatrimonial.org.br/santa-barbara/>

CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SANTA BÁRBARA

Dentro do único cemitério do município, está a capelinha tombada como patrimônio histórico da cidade. Decreto nº 1376/2006. Santa Bárbara foi a primeira cidade do país a ter um cemitério vertical biosseguro público.





AUDIODESCRIÇÃO

Colagem de fotografias coloridas. Fotografia de pessoas em rua de terra e montanhas ao fundo. Fotografia de homem branco sentado, com lago artificial ao fundo e túmulos em segundo plano. Fotografia de homem pardo manuseando câmera com natureza ao fundo. Fotografia de mulher branca apontando a câmera com vista de vegetações e montanhas ao fundo. Fotografia de várias espécies de plantas e vegetação ao fundo. Duas fotografias lago artificial, túmulos e árvores em segundo plano. Fotografia de homem pardo fotografando lagoa, com gramado, árvores e deck ao fundo.



RINCÕES DAS DESCOBERTAS

ZÉ PEREIRA, BONECAS DE PALHA E UM ANTIGO CINEMA

por *Samuel Cássio Ribeiro* e *Sofia Martino*

EU DESCOBRI muitas coisas que eu não sabia. Eu descobri que o cinema é um patrimônio da cidade e hoje em dia ele é fechado. Ele é usado como um teatro, às vezes, e também formaturas acontecem lá dentro.

UMA TRADIÇÃO feita pelas artesãs de Santa Bárbara, que eu também não sabia, são as bonecas de palha. Eu já vi muitas expostas na Casa da Cultura, são bonecas de tamanhos médios, coisa de meio braço, feitas de palha de sabugo de milho.

CINE TEATRO VITÓRIA

O antigo Cine Vitória, construído em estilo art déco, nos anos 1940, foi desativado e retoma o funcionamento em 2007, como um espaço interativo destinado a abrigar o plenário da Câmara Municipal de Santa Bárbara, além de servir também à exibição de filmes, apresentações teatrais e formaturas. Patrimônio material de Santa Bárbara, tombado pelo município em 2004.

MODO DE FAZER AS BONECA DE PALHA

O Modo de Fazer Bonecas de Palha tem a sua origem no contato diário de Hilda de Jesus da Cunha com as lavouras de milho de seus pais, sendo estimulada a criar objetos com os recursos naturais disponíveis. O trabalho continua, agora, com a filha da artesã, Maria Lúcia da Cunha. A tradição foi registrada como patrimônio imaterial no Livro dos Saberes, pela Prefeitura Municipal de Santa Bárbara, Decreto nº 01/2014.

AQUIEM Santa Barbara tinha uma brincadeira pré-carnavalesca chamada Zé Pereira. Ela é conhecida também como Mascarados. E os meninos se fantasiavam, colocavam a máscara, cobriam o corpo todo, pegavam um pau e saíam pra rua pra assustar os outros. Era anoitecendo na quinta e na sexta-feira, antes do carnaval. Ela cria uma energia que fica no ar... todo mundo esperando os mascarados saírem.

EU COMECEI a pesquisar aqui em Santa Bárbara e descobri como que eles faziam antigamente. Eles faziam ou de papelão simples, ou faziam um rosto de barro. Depois eles colavam papel, jornal, papelão rasgado com grude e faziam uma máscara em cima desse rosto pra depois virar a máscara que eles iam usar no dia. Usavam o que tinha de material pra pintar a máscara e fazer uma coisa meio horrorosa.

ELES SE dividiam em grupos de amigos. O pessoal da rua de cemitério saía junto, o pessoal da Rua dos Passos saía junto, iam fazendo aquele arrastão na rua, batendo nas portas dos outros com o pau e gritando, fazendo bagunça. Chegava aqui no Caraíba, no fim da rua do cemitério, eles se reuniam pra brincar.

ROTEIROS DE PASSEIOS LENDÁRIOS

E nas tropas, era o mesmo sofrimento de viagem das canoas. Alguns tropeiros morriam na estrada, outros iam para as festas e morriam nas festas. Foi por isso que gerou muita história de Mula sem Cabeça, de Lobisomem...

De todas as lendas que você colheu pela vida, alguma delas aconteceram com você? Quais delas você gostaria de ver de perto? Valem também as narradas aqui.

Traíra fantástica

Córrego Remédio

Bicho da Carneira

Onde se deu o começo de tudo

Enchente e dois pés de fruta

A TRAÍRA FANTÁSTICA

quem contou foi Mestre Ulisses Mendes

MESTRE ULISSES MENDES

Artesão, poeta, compositor, dono de um legado artístico sem par. Ulisses é considerado um poeta do barro. Sua obra tem alcance internacional. É um dos grandes mestres nesse ofício reconhecido pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Itinga.

O maior mistério que tinha na região nossa do Frade; onde se gerou muito catireiro⁶, muito artesão; era a Traíra Encantada, o maior peixe que aparecia.

Tinha um arvoredo lá *Nuscampim*⁷, que chamava Acari. De tanto a enchente bater no arvoredo, o rio

cavacou as raízes e fez ali um berçário de peixe. Era um lugar muito bom de pescar traíra a tardezinha, que a traíra gosta de sair mais a tardezinha. E aí apareceu uma traíra grande, enorme de grande, anormal, 60 quilos por aí.

⁶ Dançador ou participante da Catira, dança do folclore brasileiro, em que o ritmo musical é marcado pela batida dos pés e mãos dos dançarinos. Sua origem tem influências indígenas, africanas e europeias. A expressão tem suas raízes em Goiás, norte de Minas e interior de São Paulo.

⁷ Comunidade rural itingense chamada Campinhos, no dialeto local sai “Nuscampim”, ou “Iscampim”. Fica 4 a 5 km distante da cidade, às margens do rio Jequitinhonha. Os moradores, a maioria descendente da família Mendes, de Mestre Ulisses, viviam basicamente da olaria. Hoje não têm acesso à argila, um novo proprietário comprou a fazenda onde fica o “barreiro”, em que tiravam a matéria prima e proibiu a retirada.

Quando eles estavam pescando abusadamente, a traíra aparecia. Mas era uma traíra bonita, aquela pele das escamas coloridas, e brincalhona. Ela começava a jogar a cauda pra lá, pra cá, brincava com aquela alegria. E todo mundo queria pescar essa traíra, eles falavam assim “a Traíra do Acari”, e ninguém conseguia pescar.

Tinha uns ferreiros lá que sabiam fazer uns anzóis. Esquentou a bigorna no fogo, no carvão, fez aquele anzol forte. Mas ela quebrou. Saiu com a vara puxando dentro d’água, tomava a vara da mão do pescador e saía. Eles falavam “Vai morrer embuchada lá, com anzol na boca”. Que nada! No outro dia, ela aparecia de novo.

Tinha um rezador lá que fazia aquelas orações doidas na espingarda e envenenava a espingarda. Ele rezou na chumbada, aquela reza mesmo tradicional... “E agora ela morre, que está benzida à espingarda”. Dava um tiro na cabeça da traíra quando ela aparecia, aí ela virava a barriga pra cima, fingia que estava morta. Eles levavam a mão por baixo assim, pra apanhar aquele peixão, e ela plum! Vinha de novo e saía. Saía com as

costas por cima da água mostrando o corpo dela todinho. Debochando que nada matava ela.

A presença dela era mais próxima quando ia acontecer alguma coisa anormal na comunidade. Quando ia ter uma briga pesada, uma desavença, uma morte, ela aparecia de uma forma diferente.

Lá tem uma pedra na frente do lajedo e o lajedo era um ponto de lavar roupa. O pessoal não tinha água encanada, as mulheradas todas de manhã e de tardezinha iam lavar roupa, lavar vasilha. Ali fazia aquela festa. Ali era um ponto de fofoca, uma lavadeira comunitária na margem do rio. Na frente tinha uma pedra empinada e quando era de tardinha, escurecendo, aparecia uma mulher. Mulher bonita, toda distraída, não olhava pra ninguém, só cuidando do cabelo, aquele olhado mais sereno.

E aí o pessoal: “A Mulher d’Água estava lá em cima da pedra. Não vai lá, não vai lá não!”. O pessoal começou a ter medo dela. Mas batendo certo, ela era a própria traíra. Ela virava traíra pra avisar pra pararem de pescar abusadamente e quando era



AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de peixe traíra dourado em riacho marrom com plantas aquáticas ao lado.

pra avisar que ia acontecer alguma coisa anormal na comunidade, ela aparecia sentada na pedra. Mulher com cabelo comprido. E ela aparecia às seis, seis e meia da tarde. Eles falavam que tinha aquelas luzes em volta dela. Era um tipo de santa mesmo.

A Sebastiana, Tiana, conta com toda a convicção. O dia que foi acontecer o acidente lá que mataram o marido dela, antes de acontecer três dias, ela desceu no rio de tardinha. Quando chegou lá, a mulher estava na pedra sentada. Chegava até aquele reflexo de luzes em volta dela. “A Mulher d’Água, não fiquei lá não! A Mulher d’Água está lá em cima da

pedra. Eu vim embora”. Ela saiu do rio. Quando ela chegou no terreiro de casa, a mulher estava no terreiro. Tiana entrou pra dentro de casa. Três dias depois aconteceu aquela confusão, mataram o marido dela. Briga de cachaçada.

Nas proximidades de 1980, a traíra sumiu. Segundo o pessoal, foi depois da inundação que o rio Jequitinhonha fez em 79 pra 80. A inundação mudou muito a água, arrancou o arvoredo de pé de Acari, aí a Traíra não apareceu mais. Alguém fez alguma coisa que ela quebrou o encanto. Não apareceu mais a Mulher d’Água.

ÁGUAS [SUPOSTAMENTE] MEDICINAIS NO CÓRREGO REMÉDIO

quem contou foi Roberto Nascimento

Não se tem as datas exatas, mas deve ter sido por volta de 1950, um pouco mais, um pouco menos. Um homem morava na roça com a família e a mulher dele adoeceu. Eles moravam aqui pra cima, no sentido Alvinópolis, Caxambu... pra aquele lado. Ele veio pra cidade comprar remédio pra mulher. Naquele tempo o remédio era manipulado nas boticas.

Ele trouxe o dinheiro, mas como ficava na roça e vivia só na roça, custava vir à cidade, aproveitou o dinheiro pra fazer farra, bebeu, aquela coisa toda. Quando foi comprar o remédio, o farmacêutico não quis vender porque ele tinha gastado o dinheiro todo na farra.

Pra não voltar pra casa sem o dinheiro e sem o remédio, ele foi andando e quando ele chegou num lugarzinho, que dá mais ou menos um quilômetro e meio daqui da cidade, tinha um corguinho⁸ que cortava a estrada de chão. Ele estava com uma garrafinha, que devia ter trazido pra pegar o remédio manipulado, e encheu com água do córrego⁹. Essa água era meio barrenta. Ele chegou pra mulher e falou pra mulher que era remédio, ela tinha que tomar com muita fé. Ela tomou com muita fé e sarou. Aí ficou o nome Córrego Remédio. Hoje é só um filete de água com asfalto passando do lado, mas o lugar é conhecido como Córrego Remédio até hoje.

⁸ Regionalismo para o diminutivo de córrego

⁹ Regionalismo para córrego



AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de monstro parecido com lobo, preto e peludo em mata, na noite escura.

QUARESMA, A MELHOR ÉPOCA PARA VER O BICHO DA CARNEIRA

quem contou foi Will Nascimento

Você espera o tempo de quaresma e fica numa esquina, no cruzamento. Qualquer animal preto que passar naquele momento ali, tem chance de ser ele já rondando.

Tem também um lugar muito específico que dizem que ele frequenta muito, a Avenida Joaquim Antunes de Oliveira, que as pessoas acham que leva o nome dele, mas é de um

sobrinho dele. Ali é o lugar onde ele foi enterrado e onde ele teria estado a carneira¹⁰. Então as pessoas relatam muita aparição na quaresma em forma dos animais pretos, no cruzamento e também nessa avenida. É tanto que a gente ficou 10, 20 anos evitando passar ali durante a quaresma.

¹⁰ Carneira é o como o túmulo é chamado em diversas cidades do interior.

A história conta que o Bicho da Carneira, o lobisomem do Jequitinhonha, aparece em várias formas. Tem a forma que se assemelha muito ao lobisomem, mas também tem relatos de outras formas, como jumento, cachorro, porco.

Ele teria sido um coronel que cometeu uma série de atrocidades e a mãe teria jogado uma praga nele. Depois de sua morte, na missa de sétimo dia, seu túmulo teria estourado subindo dali um monstro. O que a gente chama de Bicho da Carneira aqui, as outras cidades chamam de Bicho da Pedra Azul ou Bicho da Fortaleza, que era o antigo nome de Pedra Azul.

O relato que eu acho mais emblemático é o que dizem que ele aparecia em uma forma humana. Em Pedra Azul, tem um bar que se chama Bar do Onze. O bar era o ponto de encontro da elite de Pedra Azul, dos coronéis, das famílias ricas. Hoje já é

mais popularizado, mas antigamente era como se fosse um reduto dessas pessoas. O povo conta que, volta e meia aparecia um rapaz vestido com um jaleco e com um chapéu e comia muita coisa, exageradamente até pra um ser humano. No final, ele saía e deixava essa despesa na conta de alguém da família dos Antunes, que é a família que deu início à lenda.

Eu costumo dizer que pra o Bicho da Carneira não ter existido, tem que ter tido um delírio coletivo muito grande. Os relatos das pessoas são muito semelhantes na forma de aparição, dos estragos que ele causava. Ele aparecia muito na forma de um animal caçador que comia bezerra, que comia leitão. Principalmente na época em que a população era maioria moradora da zona rural, tem muitos relatos de aparição.

ENCHENTE E DOIS PÉS DE FRUTA

quem contou foi Alba Dutra

Dizem que Rio do Prado, que era a cidade mais próxima de Rubim, na época da grande enchente¹¹ avisou pelos Correios que tinha caído uma tromba d'água na cabeceira do rio, lá onde nasce, e que a enchente logo chegaria.

Comunicado feito, havia tempo das pessoas saírem. Mas a dona Maria não quis sair por causa das coisas dela, das criações, das galinhas. Ela já era uma senhora mais idosa.

Quando a água foi chegando, ela tinha um pé de laranjeira dentro de casa e diz que ela subiu nesse pé, mas a chuva arrancou a árvore com tudo. Consta que esse corpo nunca foi encontrado, e ela foi levada com o pé de laranja nas águas.

O Floriano que trabalhava com meu pai era filho dessa dona Maria.

Dizem também que num outro ponto da cidade, três homens estavam em um barzinho ali na Baixada, à beira rio jogando truco. Tem o nome deles, eram Nondas, Nilo e Mané Jacó. Eles viram a água chegando e os três subiram na mangueira pra se salvar. Essa chuva chegou à tarde e eles passaram a noite inteira até o dia seguinte lá em cima da mangueira. Ao que a água baixou, eles desceram. Os três se salvaram.

A mangueira foi inventariada e vai ser salvaguardada agora pelo patrimônio de Rubim.

¹¹ Acredita ser a enchente de 1979, mencionada em relatos também das cidades de Araçuaí e Itinga neste mesmo guia.

AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de senhora negra na canoa, no rio com vegetação ao fundo.



ONDE SE DEU O COMEÇO DE TUDO

quem contou foi José Claudionor Pinto (Jô Pinto)

Luciana Teixeira, segundo os relatos de Saint-Hilaire, era uma mulata que morava no lugar onde antigamente chamava Barra do Pontal. Hoje é Itinga, onde o rio Jequitinhonha encontra com o Araçuaí. Lá, as terras eram sesmaria da família Murta e tinha terra de Montes Claros até aqui. A Luciana chega lá e começa a montar o negócio dela.

O negócio dela começou a dar dinheiro e ela passava o dízimo pra igreja, grana alta. Enquanto tava

entrando o dinheiro tava bom pra todo mundo. Ela viu depois que era um absurdo ter que pagar quantias tão altas. Ela resolve, então, parar de pagar e o padre Murta a expulsa. Luciana era canoeira e sabia ler e escrever, porque ela foi catequizada. Imagina essa mulher, naquela época, ela incomodava a sociedade.

Ela saiu de Itinga e veio pra Barra do rio Araçuaí, era a Barra do Caiuzinho¹². Chegou aqui, ela começa a montar o prostíbulo e os canoieiros

¹² Regionalismo. Diminutivo de Caiau



vinham atrás. Depois, a demanda pelos serviços das canoas começou a acabar e os canoeiros foram ficando, construindo morada, a Vila do Caiau¹³ surgiu e a Luciana ficou como esse símbolo da fundadora de Araçuaí. Ela colocou o nome de Calhau, por contas das pedras de aluvião que tem o ouro por cima e não tem valor nenhum. E foi onde ela ficou com as meninas.

A sociedade na época expulsou todas elas. Uma delas foi a Branca.

A Branca era famosa porque não atendia de dia, só atendia à noite. Ela ficava em cima de uma pedra pescando todo dia o dia todo, lá na beira do rio. É por isso do Porto da Branca, oficialmente nomeado José Gusmão, mas se você perguntar onde é o porto do José Gusmão ninguém sabe. “Onde é o porto da Branca?”, aí todo mundo vai saber que é a descida, onde é a ponte. Ela era uma das líderes das mulheres de lá e ela que levou as meninas junto de canoa.

¹³ Regionalismo para calhau

QUE CARA TEM ESSE LUGAR

Fotoperformance dos entrevistados



AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de homem negro atrás de carrinho de mão e cachorro pinscher ao lado.

Joseph (Jho) Coelho | educador de Araçuaí

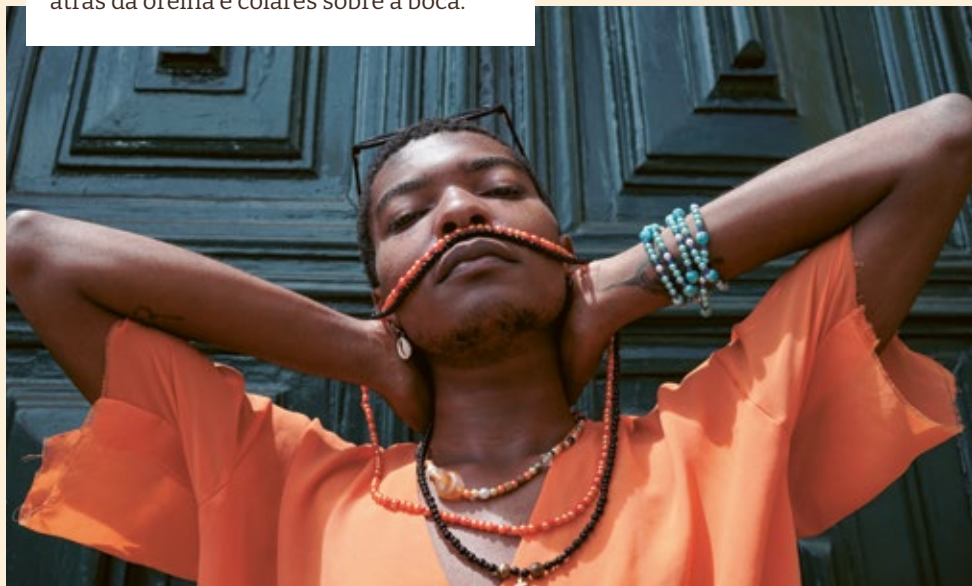
AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de homem negro em cima de um carrinho de mão, no fundo temos uma rua com homem andando.



AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de homem negro com as mãos atrás da orelha e colares sobre a boca.



Wender (Dorado) do Santos | aluno do projeto em Barão de Cocais

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de mulher parda agachada em gramado, abaixo de uma árvore e vista de cidade com montanhas ao fundo.



Micaely (Mica) Fernandes | aluna do projeto em Barão de Cocais

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de mulher negra sorrindo, com fantoches nos ombros.



Mirlane (Pê) | educadora de Araçuaí

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de pessoa fantasiada com máscara colorida, capa preta estampada e saia de bambu.



Sofia | educadora de Santa Bárbara

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de homem pardo, na frente de árvore seca, com luzes pisca-pisca e fotografias preto e branco, penduradas.



Carlos | aluno do projeto em Rubim

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de senhor negro sorrindo, ele usa óculos escuro e tem barba com fios negros e brancos.



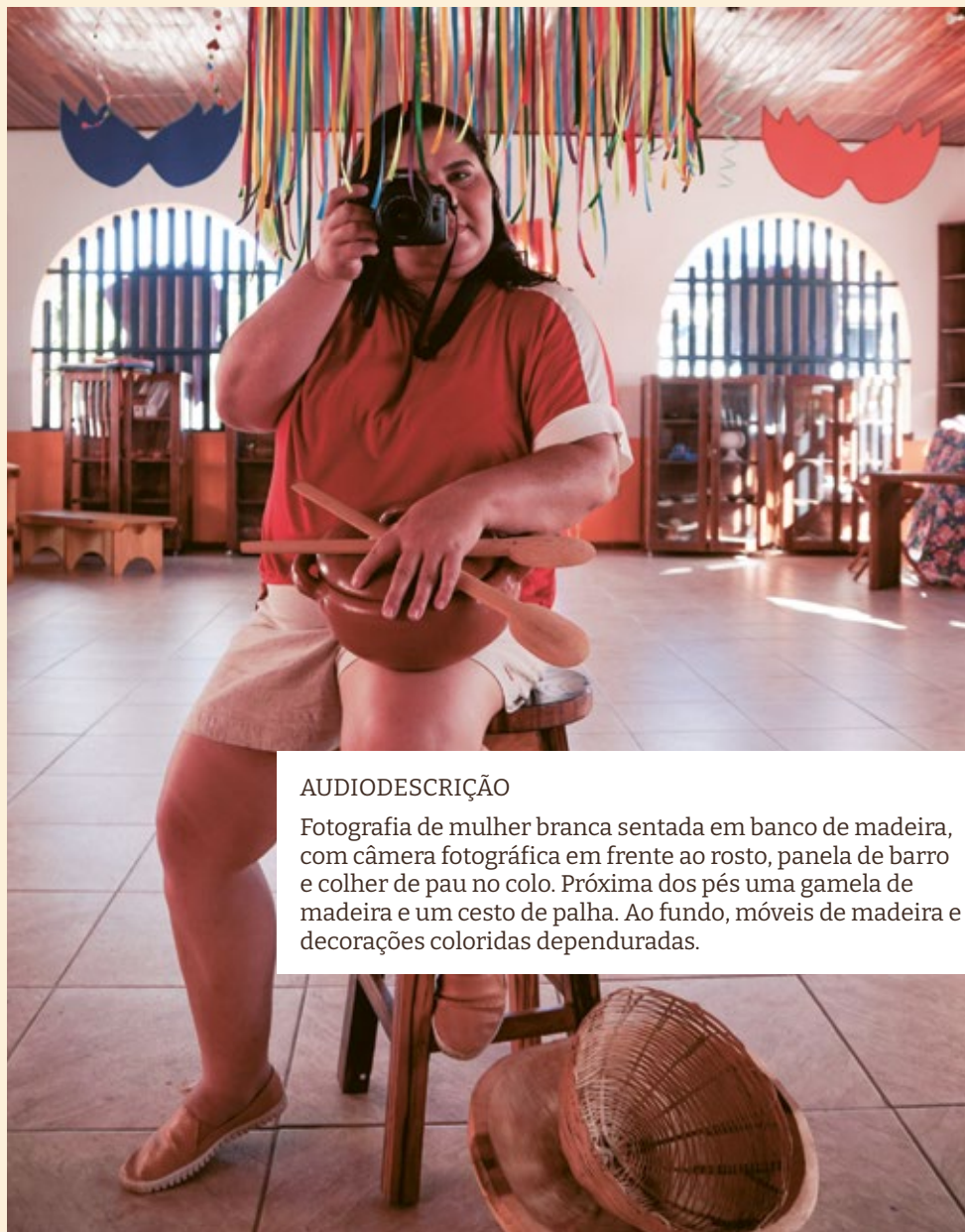
José Claudionor Pinto (Jô Pinto) | historiador de Itinga

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de homem negro com cabelo black power e coroa feita de pentes.



Genilson | aluno do projeto em Itinga



AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de mulher branca sentada em banco de madeira, com câmera fotográfica em frente ao rosto, panela de barro e colher de pau no colo. Próxima dos pés uma gamela de madeira e um cesto de palha. Ao fundo, móveis de madeira e decorações coloridas penduradas.

Christiane Cardoso Teixeira | educadora de Itinga

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de homem negro dentro de um santuário rústico, olhando para cima, com a mão escorada na porta. Ao fundo várias imagens de santos, flores e fotos.



Willian (Will) Nascimento | educador de Pedra Azul

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de mulher parda com chapéu de palha na cabeça, filtro dos sonhos na frente do rosto e mão direita levantada e abraçando um livro com mão esquerda. Vários colares pendurados sobre a mão e o livro. Ao fundo muita vegetação e uma casa branca.



Gislene | aluna do projeto em Catas Altas

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de mulher branca sorrindo, sentada em pista de skate com árvores ao fundo.



Bianca | aluna do projeto em Pedra Azul

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de mulher parda apontado para fotografia pendurada em varal, na imagem, ela mesma, sentada em uma cadeira com um globo terrestre em mãos.



Emanuelle | aluna do projeto em Rio Piracicaba



AUDIODESCRIÇÃO

Mulher parda olhando fotografia pendurada em varal, na imagem, ela mesma sentada em um banquinho, segurando um violão ao lado.

Ana Laura | aluna do projeto em Rio Piracicaba

AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de reflexo sobre água com árvores e e homem branco sentado de pernas cruzadas, mãos sobre pernas e olhos fechados.





AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de mulher parda com as mãos na cintura sobre fundo branco. Fotografia de mulher negra sorrindo, com fotografia de uma família nas mãos e várias plantas ao fundo. Fotografia de mulher negra sorrindo, com uma câmera fotográfica nas mãos sobre fundo branco.



AUDIODESCRIÇÃO

Fotografia de homem negro sentado em mesa, envolto a garrafas de tintas penduradas na parede, onde também temos um grande quadro com escultura de barro, ilustração religiosa e fotografia de uma mulher negra com lenço na cabeça. Ao lado, aparelho de som e vários cd's e esculturas.



Mestre Ulisses Mendes | Artesão de Itinga



AUDIODESCRIÇÃO

Pequena ilustração ao centro da página de uma escultura de mulher negra com balaio na cabeça, criança no colo e trouxa nas mãos.

Rede de Patrimônio Criativo e Colaborativo é um projeto que tem o objetivo de fomentar o conhecimento e interesse de adolescentes e jovens pelas manifestações culturais de oito cidades do interior de Minas Gerais: Araçuaí, Itinga, Pedra Azul e Rubim, no Vale do Jequitinhonha, Barão de Cocais, Catas Altas, Rio Piracicaba e Santa Bárbara nas proximidades da Serra do Caraça. As ações do projeto contribuem com o mapeamento, o registro da memória e com a valorização e difusão do patrimônio cultural desses lugares, por meio da realização de formações gratuitas e certificadas em audiovisual, fotografia/artes gráficas e rádio/podcast para as juventudes dessas cidades.

O projeto é realizado pela AIC- Agência de Iniciativas Cidadãs através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, Pronac 204832, Ministério da Cultura e Governo Federal, União e Reconstrução, com patrocínio do Instituto Cultural Vale por meio de sua chamada aberta anual e apoio das Prefeitura locais.



AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de jovens negros andando em uma mesma bicicleta.

AUDIODESCRIÇÃO

Desenho de um mapa ilustrado com traçado branco sobre fundo laranja. Várias casas, ruas, quadras, igreja e vegetação.





AUDIODESCRIÇÃO

Ilustração de homem pardo e alto, com as mãos nos ombros de mulher negra e baixa que o abraça, cachorro bege se coçando ao lado. Ilustração de jovens negros andando em uma mesma bicicleta. Ilustração de duas meninas negras conversando e uma menina parda sentada em cadeira de plástico amarela com as mãos na cabeça.



Ministério da Cultura e Instituto Cultural Vale apresentam:
Rede de Patrimônio Criativo e Colaborativo
Lei de Incentivo à Cultura
Patrocínio: Instituto Cultural Vale
Realização: AIC, Rede de Patrimônio Criativo e Colaborativo
Ministério da Cultura e Governo Federal Brasil União e Reconstrução

Ministério da Cultura e Instituto Cultural Vale apresentam: Rede de Patrimônio Criativo e Colaborativo

Patrocínio:

Realização:



REDE DE PATRIMÔNIO CRIATIVO E COLABORATIVO

MINISTÉRIO DA CULTURA

